

Eleições alemãs. Por que o Die Linke se saiu tão mal?

Via [The Left Berlin](#)

Nas recentes eleições alemãs, Die LINKE não alcançou sequer os 5% de votos que garantiriam uma fração parlamentar. Eles só foram salvos por uma regra intransigente que diz que se 3 candidatos partidários ganharem sua própria circunscrição eleitoral, você recebe uma fração de qualquer forma. Die Linke ainda estará representado no próximo parlamento, mas com um número muito reduzido de 39 deputados.

Não há uma única razão para que o Die Linke tenha perdido 2 milhões de votos. Neste artigo vou me concentrar em três – o desejo de uma grande parte do público de evitar um chanceler Laschet, uma campanha eleitoral do Linke que se concentrou quase exclusivamente em uma coalizão “Vermelho-Vermelho-Verde” (R2G), e a luta dentro do partido em torno de Sahra Wagenknecht. Abordarei cada um deles por sua vez.

Parar Laschet

Armin Laschet foi o representante escolhido pela CDU para suceder Angela Merkel, que combinou a política neoliberal com uma aparência de ser “mais inteligente, provavelmente mais compassivo e simpático do que seus pares”. Laschet tinha pouco a recomendá-lo, além de sua pretensão de ser o herdeiro natural de Merkel. Em outras palavras, a mesma política de sempre, mas sem o acompanhamento pessoal de Merkel.

Muito rapidamente surgiu entre o eleitorado um forte apoio para “qualquer um menos Laschet”. Isto ajudou primeiro os Verdes sob Annalena Baerbock, e mais tarde o SPD, Olaf Scholz, que fez uma abordagem à esquerda, produzindo cartazes eleitorais prometendo um salário mínimo de 12 euros, proteção do clima, pensões estáveis e moradia acessível.

Teoricamente, um voto a favor do Die Linke teria sido a melhor maneira de evitar uma chancelaria Laschet. O chanceler alemão não é necessariamente o líder do partido que ganha mais votos, mas aquele que é apoiado por uma maioria de deputados. Assim, enquanto os partidos de esquerda ganhassem deputados suficientes entre eles, Laschet não entraria nunca se a CDU/CSU obtivesse mais votos do que qualquer outro partido.

E dos “partidos de esquerda”, Die Linke foi o único que excluiu categoricamente a possibilidade de entrar no governo com a CDU. A CDU não apenas descartou uma coalizão com o Die Linke, eles também pediram ao SPD e aos Verdes que fizessem o mesmo. Enquanto isso, o SPD e os Verdes ficaram mais do que felizes em entrar em coalizões com o partido de Laschet.

O SPD já estava em uma coalizão com a CDU no governo nacional, bem como nos parlamentos regionais de Mecklenburg-Vorpommern, Saarland e Sachsen-Anhalt. Os Verdes estão em coalizão com a CDU em Baden-Württemberg, Hessen, Schleswig-Holstein e Baixa Saxônia. Ambas as partes governam junto com a CDU em Brandenburg e na Saxônia. Isso faz com que 9 dos 16 parlamentos regionais, onde ou os Verdes ou o SPD já estão em uma coalizão com a CDU.

Mas na cabeça de muitos eleitores, somente o SPD e os Verdes poderiam deter Laschet, pois eram os únicos partidos com seu próprio candidato a chanceler. Muitos ativistas do Linke no relatório da campanha eleitoral conversaram com eleitores que disseram se sentir mais próximos politicamente do Die Linke, mas que precisavam votar no SPD (ou Verde) desta vez para evitar o Laschet.

Rot-Rot-Grün (R2G)

Apesar de um manifesto radical, a campanha eleitoral da Linke concentrou-se quase exclusivamente em uma futura coalizão governamental com os Verdes e o SPD. O líder parlamentar Dietmar Bartsch fez campanha por uma “aliança progressiva” com

os Verdes e o SPD, assim como a esquerda do partido sob o slogan “rebellisch regieren” (governar com rebeldia). Na prática, isto significava não criticar potenciais partidos de coalizão.

Quando o dia das eleições se aproximava, esta mensagem era ligeiramente refinada. No comício eleitoral final em 24 de setembro em Berlim, oradores de todas as alas do partido fizeram aproximadamente o mesmo apelo. O SPD e os Verdes estavam considerando fazer uma coalizão com o FDP, mas somente o Die Linke garantiria que eles cumpririam suas promessas.

No comício, Gregor Gysi explicou sua ideia de um governo responsável. O SPD havia feito campanha na eleição por um salário mínimo de 12 euros. A promessa do SPD era insuficiente, disse Gysi, mas seria um passo na direção certa e beneficiaria milhões de trabalhadores. É claro que ele tem razão – para alguns trabalhadores do Leste significaria um aumento salarial de 25% – mas isso não era argumento para que as pessoas votassem na Linke em vez do SPD.

Compromisso com a OTAN

Depois houve a questão da OTAN. A derrota dos EUA no Afeganistão no meio da campanha eleitoral deveria ter sido uma dívida de Deus para o único partido com aspirações anti-imperialistas. A guerra do Afeganistão foi iniciada sob um governo SPD-Verdes que enviou de bom grado tropas alemãs.

Tanto o SPD quanto os Verdes se recusaram a entrar sequer nas negociações da coalizão com a Die Linke, a menos que o Linke rejeitasse a oposição à OTAN. A oposição à guerra imperialista sempre foi uma pedra angular da política do partido. E o fracasso da política da OTAN estava sendo representado atualmente em Cabul. Se alguma vez houve uma chance de mostrar a diferença entre a Linke de um lado, e o SPD e os Verdes do outro, foi esta.

A resposta real do Linke foi insistir que a OTAN não deveria

ser uma barreira para uma coalizão. A líder do partido, Susanne Henning-Wellso, disse até mesmo que estava “aberta” ao envio de tropas alemãs. No comício acima mencionado, tanto Bartsch quanto Gysi disseram “eles dizem que queremos abolir a OTAN – isso não é verdade”. Nenhum dos oradores da esquerda do partido os contradisse.

Bartsch explicou à rádio MDR: “Die Linke não vai fazer com que seja uma condição que deixemos a OTAN antes de conversar. Não, nós entramos em conversações”. Até a líder do partido de esquerda Janine Wissler deu uma entrevista à rádio WDR dizendo que Die Linke não estava pedindo uma saída da OTAN, e que “não é verdade que não queremos uma aliança de segurança”. O sofortprogramme (programa de emergência) emitido pelo Die Linke pouco antes das eleições não mencionava a OTAN uma única vez.

Esta falta de clareza sobre a OTAN e o Afeganistão não foi ajudada por uma das votações finais no Bundestag. Ela exigiu tanto o apoio ao posicionamento das tropas alemãs no Afeganistão quanto a evacuação dos cidadãos alemães presos em Cabul. Neste contexto, o apelo do Linke aos seus deputados para que se abstivessem foi, sem dúvida, a decisão correta. Mas não ajudou a promover o Die Linke como um partido explicitamente anti-imperialista.

Esta aparente flexibilidade de princípios em torno da OTAN teve efeitos mais amplos. Como o analista eleitoral Horst Kahrs argumentou em Neues Deutschland, “não deve a enfermeira, a quem Die Linke prometeu um salário mais alto, fazer a pergunta se esta questão também poderia ser sacrificada pelo partido por essa política de identidade”.

Wagenknecht

E depois houve Sahra Wagenknecht. Wagenknecht é uma das mais populares representantes do Linke para a mídia. Ela é uma oradora articulada e uma convidada regular em programas de

bate-papo. Eu já escrevi dois longos artigos sobre Wagenknecht (que você pode ler aqui e aqui), por isso vou tentar ser breve aqui.

No início da campanha eleitoral, Wagenknecht lançou um livro chamado “Die Selbstgerechten” (os autodidatas) que atacou “skurille Minderheiten” (minorias peculiares) e descartou movimentos como Fridays for Future como sendo sintomáticos da política de estilo de vida da classe média. Por volta da mesma época, Wagenknecht foi anunciada como a principal candidata para o Linke em Norte Rhine Westphalia (NRW), após uma votação muito polarizada.

O fato do Die Linke não ter sido melhor na Renânia do Norte-Vestfália do que em outros lugares – a porcentagem de votos caiu exatamente pela metade de 6,4% para 3,2% – não levou Wagenknecht a reconsiderar sua posição. Na noite das eleições ela apareceu na televisão para dizer “nos últimos anos, o Linke tem se afastado cada vez mais do motivo pelo qual ela foi realmente formada, ou seja, representando os interesses dos trabalhadores normais e dos pensionistas”.

O principal custo da intervenção de Wagenknecht provavelmente não foi nos eleitores, mas nos ativistas e multiplicadores. Mais do que qualquer outro partido, Die Linke, que não tem grandes financiadores, precisa de membros e apoiadores comprometidos para liderar uma campanha eleitoral eficaz. A Covid já havia reduzido as oportunidades de fazer uma campanha ativa nas ruas. Mas igualmente importante era o fato de que muitos bons ativistas simplesmente se recusaram a fazer campanha para o Die LINKE.

Muitas pessoas, em particular as Pessoas de Cor, que normalmente chamariam seus amigos para votar no Die LINKE, disseram que não queriam ser associadas ao racismo de Wagenknecht. Quando o Fridays For Future (FFF) de Leipzig teceu uma crítica à citação de Wagenknecht de que Die Linke estava em perigo de se tornar o “partido do meio social do FFF

“, o Tweet recebeu mais de 6.000 curtidas e mais de 400 retweets.

Não é surpreendente que muitos ativistas do FFF estivessem relutantes em fazer campanha por seu partido, mesmo que o SPD e os Verdes não tivessem nada de concreto para oferecer-lhes. Quando os ativistas do clima entraram em greve de fome, Scholz prometeu falar com eles “após a eleição” e Baerbock os criticou por utilizarem o método errado de diálogo.

Com base em provas puramente anedóticas, tenho vários amigos que não são membros do partido, mas que estão fortemente envolvidos em discussões políticas. Normalmente, eles estão entusiasmados em seu apoio ao Die Linke. Desta vez, não tenho certeza se eles sequer votaram no Linke (na verdade, sei que alguns deles não votaram). Este fenômeno pode ser mais acentuado na Berlim liberal, mas teve um impacto em todos os lugares.

Então, por que morreu LINKE perdeu mais de 2 milhões de votos?

Os post-mortems estão começando a fluir. O ex-líder do partido Klaus Ernst postou um tweet que ele chamou de “tiro de advertência” contra “um partido de esquerda que mal está ancorado entre os trabalhadores, mas caminha atrás de cada movimento, quer ser mais verde que os Verdes, por fronteiras abertas para todos, e argumenta que deve jogar fora Wagenknecht”.

Enquanto isso, um artigo na Jacobin dizia que “Um partido, especialmente um partido socialista, precisa ser mais do que uma coleção de movimentos sociais. Ele deve reunir as vozes de uma classe trabalhadora diversificada na cidade, no campo e no campo, migrante e não-migrante – mas mais do que isso, ele deve articulá-las como um interesse comum. Durante anos, Die Linke claramente não aspirou a este objetivo – com a política por e para a classe trabalhadora caindo fora de moda. A derrota do domingo foi o resultado eleitoral desta negligência

de longa data em relação à formação de classes”.

Ambos os argumentos são baseados em uma estatística indesejável, mas inegável. Nas eleições de 2021, 6,6% dos sindicalizados votaram a favor do Die LINKE. Em 2009, isto foi de 17,1%. Isto é particularmente preocupante em um ano em que houve uma ligeira retomada da atividade industrial – nas ferrovias, nos hospitais e no varejo. Apesar disso, o Die LINKE não conseguiu substituir o SPD como o partido que a maioria dos sindicalizados sentem como “seu”.

Mas como devemos lidar com este problema? O artigo de Jacobin prossegue argumentando que o Die Linke:

“tem que desenvolver uma visão política que se conecte com setores significativos da sociedade, não apenas com subculturas específicas e altamente politizadas”. Infelizmente, aqueles dentro do partido que, nos últimos anos, apelaram para o alcance da classe trabalhadora em sua total diversidade, incluindo os desempregados e os trabalhadores mais velhos, foram rejeitados e difamados como reacionários”.

“Aqueles dentro do partido” referidos aqui são pessoas como Wagenknecht que falaram de “alcance à classe trabalhadora” como uma forma de argumentar que o programa do partido precisa ser mais racista.

Como disse Horst Kahrs quando perguntado sobre o tweet de Klaus Ernst: “Acho que o objetivo de tais declarações está totalmente errado”. E elas também não correspondem à realidade do partido”. O que são “movimentos”? Se se trata, por exemplo, do Rent Cap e do FFF, então estas são as preocupações sociais que são uma parte integrante importante da política de esquerda. Penso que o problema é que os membros mais velhos do partido não entendem mais como os membros mais jovens encaram as coisas”.

Os movimentos sociais vs. as necessidades da classe trabalhadora

Penso que o problema fundamental é que Ernst, Alexander Brentler (que escreveu o artigo de Jacobin) e Wagenknecht tentam fazer uma distinção artificial entre os movimentos sociais, de um lado, e as necessidades da classe trabalhadora, de outro – como se salvar o planeta e combater o racismo fossem luxos da classe média.

Mas a classe trabalhadora não é constituída apenas por homens brancos idosos. Muitas pessoas da classe trabalhadora são vítimas de racismo ou jovens que herdarão um planeta que foi arruinado pelo aquecimento global provocado pelo homem. Sugerir que apoiar os movimentos sociais que estão lutando contra isso é de alguma forma contra os interesses da classe trabalhadora é apenas conversa maluca.

Vejamos 3 dos importantes movimentos sociais que surgiram nos últimos 18 meses.

Em maio de 2020, no meio da crise da COVID e no aniversário do assassinato de George Floyd, pelo menos 15.000 pessoas se manifestaram em Berlim em apoio à questão das vidas negras. Esta manifestação foi jovem, inexperiente, mestiça racialmente e muito trabalhadora. O trem vindo do distrito da classe trabalhadora multirracial de Wedding para a manifestação estava cheio de jovens que normalmente não se vê nas manifestações.

No verão deste ano, pelo menos 15.000 manifestaram-se para a Palestina. Isto pode não parecer grande em comparação com outros países, mas foi a maior demonstração pró-Palestina na Alemanha em uma geração, provavelmente mais. Muitos dos manifestantes não eram elegíveis para votar, mas poderiam ter sido o núcleo de uma campanha eleitoral ativa. Então o líder do partido Dietmar Bartsch juntou-se aos representantes de outros partidos em um comício para Israel.

Dois dias antes das eleições, 620.000 manifestaram-se em toda a Alemanha como parte da greve climática internacional. Embora os Verdes estivessem nominalmente associados a este movimento, seu programa para um capitalismo verde era claramente insuficiente para resolver os problemas urgentes. Se o Die Linke estivesse mais disposto a criticar o programa Verde, se Wagenknecht tivesse acabado de se calar, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Um problema com raízes mais profundas

A incapacidade do Linke de se relacionar adequadamente com os movimentos sociais não teve início na campanha eleitoral de 2021. Em 2015, durante a “crise dos refugiados”, o partido aprovou uma votação em conferência expressando claramente sua oposição aos controles fronteiriços. Wagenknecht fez parte da minoria muito pequena que se opôs à votação. Sua resposta foi lançar o Aufstehen, nominalmente uma versão alemã dos Coletes Amarelos, mas que se concentrava em restringir a liberdade de circulação.

O que isto fez no curto prazo foi dar a impressão de que no meio de uma grande discussão nacional sobre refugiados, Die Linke foi dividido no meio – alguns de seus membros eram a favor de fronteiras abertas, outros argumentaram que os refugiados arrastaram para baixo os salários dos trabalhadores “alemães”.

Isto prejudicou seriamente a reputação do Die Linke no movimento pró-refugiados. Em 2018, a unteilbar (indivisível) organizou uma manifestação de 240.000 pessoas em Berlim. No entanto, ao mesmo tempo, muitos ativistas refugiados estavam dizendo que não podiam votar no Linke, e certamente não podiam fazer campanha pelo partido, por causa de Wagenknecht, que se distanciou abertamente da unteilbar.

O resultado foi que dois partidos viram aumentos significativos em seu apoio. O AfD – um partido racista anti-

migrante, começou a ganhar votos potenciais dos eleitores da CDU. E os Verdes foram percebidos por muitas pessoas como sendo o partido pró-refugiados – apesar de suas posições claramente racistas em relação aos refugiados em estados como Baden-Württemberg, onde estavam no cargo.

No final, a política de refugiados parece ter desempenhado um papel notavelmente pequeno nas recentes eleições. Mas este surto para os Verdes – juntamente com as manifestações do FFF – significou que eles foram repentinamente discutidos como possíveis candidatos ao governo. Die Linke, por sua vez, estagnou. Em 2015, Die Linke tinha 59.000 membros, Em 2019, apesar da agitação da atividade política, a filiação partidária havia permanecido relativamente constante em pouco mais de 60.000.

Raios de esperança: Neukölln, Wedding e o referendo habitacional

Nas eleições, algumas áreas contrariaram a tendência nacional. Em Berlim-Neukölln, uma área onde o Die Linke trabalhou produtivamente dentro dos movimentos sociais, houve uma pequena queda na votação nas eleições gerais, mas um aumento de 2,7% nas eleições locais que estavam acontecendo ao mesmo tempo. Isto resultou em um aumento no número de vereadores do Linke em Neukölln.

Meu distrito de Berlin-Wedding não tem o tamanho e os recursos de Neukölln, mas pesquisamos resultados semelhantes, particularmente no Norte de Wedding, onde moro. Existem 7 circunscrições eleitorais no distrito de Mitte. Nos 2 círculos eleitorais do Norte de Wedding, o voto do Linke aumentou 2,1% (para o candidato) e 2,3% (para o partido) em um círculo eleitoral, e 3,1% e 3,5% no outro.

De fato, enquanto o partido estava com hemorragia de votos em nível nacional, a votação em toda Berlim também caiu – mas “apenas” de 20,3% para 14,3%. Isto se deveu à história da Boa

Nova da noite – a vitória esmagadora do referendo do Deutsche Wohnen Enteignen (DWE) para expropriar os grandes proprietários como um passo para conseguir aluguéis mais justos em Berlim.

Cobrimos o referendo de forma abrangente no theleftberlin.com, portanto não acrescentarei muito aqui, a não ser dizer que foi uma campanha vibrante que mobilizou milhares de berlinenses em uma série de atividades, desde manifestações e visitas domiciliares porta-a-porta até a coleta de assinaturas e a liderança da torcida. Esta não foi uma campanha passiva, mas uma campanha de auto-atividade.

56,4% dos eleitores berlinenses – mais de um milhão de pessoas – votaram pela expropriação (se o milhão de eleitores excluídos, em grande parte porque não são cidadãos alemães, fossem autorizados a votar, este número teria sido muito maior). E ainda assim o fato é que apenas um quarto dessas pessoas votaram a favor da morte do Linke, embora o Linke tenha sido o único grande partido que apoiou inequivocamente o referendo.

Os Verdes deram um apoio ressentido, insistindo que eles só expropriariam como último recurso. Baerbock expressou sua oposição. A líder do SPD – a nova prefeita de Berlim Franziska Giffey – disse que ela se opunha ao referendo. Isto significa que qualquer que seja o resultado das conversações da coalizão, a maioria dos membros do novo governo de Berlim pertencerá a partidos que são, na melhor das hipóteses, tímidos na implementação do resultado do referendo.

Então, por que o baixo resultado para o Die Linke? É claro que a atividade nos movimentos sociais não se transfere automaticamente para os resultados eleitorais, mas há mais duas razões fundamentais. Primeiramente, a relutância do Linke em criticar o SPD e os Verdes em nível nacional também ocorreu em nível local. Os políticos do Linke ficaram em silêncio sobre a falta de apoio de seus potenciais parceiros de

coalizão a uma das iniciativas mais importantes que a cidade já viu.

Houve também a experiência dos precursores da morte do Linke, o PDS, que fez parte de um governo anterior de Berlim que privatizou 70.000 apartamentos. As pessoas que se lembravam disso estavam desconfiadas de mais uma vez apoiar o Die Linke no governo. Da mesma forma, o Die Linke se opôs ao despejo de projetos sociais em Berlim como o Liebig 34, enquanto fazia parte do governo que os executou.

Aconteça o que acontecer, quase 60% é um número difícil de ignorar, e os berlinenses entrarão na nova legislatura com uma luta em mãos. A campanha Deutsche Wohnen & Co Enteignen continuará e é exatamente em lugares como Neukölln e Wedding que os ativistas do Linke que estiveram ativos na campanha fizeram o máximo para recuperar a confiança perdida.

E agora?

Ainda há um lugar importante para o Die Linke no debate político nacional. Isto significa tomar posições claras contra aumentos de aluguel, por um teto de aluguel nacional e por uma política anti-imperialista que rejeita a OTAN. Também precisamos assumir políticas mais controversas, como apoiar fronteiras abertas e se opor à proibição do uso do lenço na cabeça [para mulheres muçulmanas].

Em alguns lugares, isto significa uma mudança de prática. A participação do Die Linke nos governos que gentrificam Berlim e deportam refugiados em Thüringen prejudica sua credibilidade.

Ao mesmo tempo, há pouca virtude em sentar-se em pequenas salas, falando apenas com pessoas que concordam com nosso programa revolucionário completo. Os jovens estão se unindo ao Die Linke porque querem mudar o mundo. A Newsletter do Die Linke informou que mais de 600 pessoas aderiram ao partido nos três dias após a eleição. Este é um número que podemos

desenvolver, mas somente se o Die Linke permanecer ativo entre as eleições.

Isto significa não apenas apoiar os movimentos sociais com dinheiro e palavras bonitas, mas estar centralmente envolvido na construção desses movimentos e no recrutamento dos melhores ativistas. Onde fizemos isso na campanha da Deutsche Wohnen & Co – em Neukölln, em Wedding e no grupo Right2TheCity de não alemães – fortalecemos tanto as campanhas como o Linke local.

Durante a campanha eleitoral, ouvi falar de pessoas se juntando ao partido em Wedding semanalmente – quase todas estavam na casa dos vinte anos e haviam sido radicalizadas pela Black Lives Matter, Fridays for Future e similares. No novo governo de Berlim, o Die Linke será representado por vozes de migrantes radicais de esquerda como Ferat Kocak e Elif Eralp, que encarnam o que a política de esquerda poderia e deveria ser.

Na véspera das eleições, fui abordado em uma banca por um homem que nos convidou para distribuir panfletos em sua mesquita. Em um distrito com muitos muçulmanos, tivemos algumas disputas no ramo sobre a importância das ações nas mesquitas. Com o afluxo de novos membros, já tivemos uma ação bem sucedida durante a campanha eleitoral, e pretendemos continuar após as eleições. Isto ajudará a ancorar o partido na comunidade local e a ganhar novos multiplicadores.

As lutas que estão por vir

Os socialistas podem saber que o SPD e os Verdes são partidos neoliberais que oferecem pouca esperança de mudanças positivas, mas na consciência popular os resultados das eleições mostram uma mudança para a esquerda. As pessoas votaram nestes partidos com expectativas – particularmente em torno de questões sociais e do meio ambiente. Se e quando essas expectativas não forem atendidas, há o potencial para novas lutas.

Algumas dessas lutas já estão na agenda. Em Berlim, a prefeita do SPD Franziska Giffey tentará evitar a implementação das exigências do referendo sobre a expropriação de grandes proprietários. Legalmente, o referendo foi apenas “consultivo”, mas uma clara maioria e um movimento grande e animado significa que, se ela vacilar, encontrará uma séria resistência.

A resposta imediata da liderança de Berlin do Linke a esta ameaça é exigir que um governo de coalizão contenha representantes da Linke que possam dificultar quaisquer tentativas de retrocesso por parte da Giffey e dos Verdes. No entanto, a história tem mostrado que onde o Die Linke e seus partidos predecessores se juntaram a um governo que desapontou seus eleitores, eles acabaram no lado errado da luta e foram punidos por isso por ativistas que se sentiram traídos. Isto não deve acontecer novamente.

Enquanto isso, as coisas podem estar esquentando na frente industrial. O Financial Times relatou recentemente que “um número crescente de trabalhadores alemães está exigindo salários mais altos em meio ao aumento da inflação, com alguns entrando em greve”. A inflação atingiu uma alta de 29 anos de 4,1% e o esquema Kurzarbeit que protegia alguns salários sob a Covid está atualmente sendo revertido.

Se o Die Linke apoiar ativamente estas greves – e se os membros do Linke ajudarem a liderar as greves – podemos tanto superar o déficit no apoio sindical como desafiar a falsa dicotomia entre a luta sindical de um lado e os movimentos sociais do outro. Os sucessos dos sindicatos podem fortalecer a confiança dos movimentos sociais para entrar na ofensiva (e vice versa).

Um caminho para avançar foi oferecido em uma declaração de alguns membros proeminentes do partido “com antecedentes migratórios” publicada após a eleição:

Precisamos de uma voz social consistente, uma voz que aponte a devastação local e internacional do capitalismo e desenvolva alternativas". Uma voz que lute pelo progresso e reformas hoje, e que aja em conjunto com os movimentos progressistas dos últimos anos. FFF, iniciativas como a Deutsche Wohnen & Co Enteignen e as muitas iniciativas de inquilinos, unteilbar e Seebrücke, Black Lives Matter, o movimento dos hospitais de Berlim, organizações sociais e sindicatos são nossos parceiros na luta por um mundo mais justo, mais ecológico e livre de discriminação. Devemos continuar por este caminho, devemos conquistar novos membros ativos, construir o partido e nos ancorar nos distritos e comunidades locais. Esta ancoragem só é possível se as pessoas tiverem claro o que defendemos.

É da natureza do Die Linke que sempre haverá uma tensão entre as pessoas que querem mudar o mundo a partir de baixo e aquelas que apenas querem ser uma versão melhor dos partidos social-democratas e verdes existentes. Pode ser que, em algum momento, precisemos nos separar e criar algo novo. Enquanto isso, vamos lutar por um partido de massa que fale por e construa os movimentos sociais.